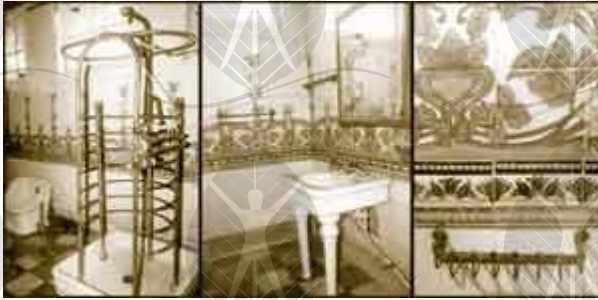


## Salas de Banho em Manaus: resquícios do apogeu da borracha ( Arminda Mendonça )



Reflexo do poderio econômico e conseqüente status social de nobres e comerciantes abastados, as Salas de Banho, comuns na Europa, foram introduzidas no Brasil, pela Família Imperial. No Amazonas, somente nos albores do século XX é que começaram a surgir os primeiros exemplares,

nos palacetes dos “Barões da Borracha” - denominação com a qual se identificavam os comerciantes que viviam da compra e venda dos produtos oriundos da goma elástica (*Hévea brasiliensis*) e dos proprietários das “Casas Aviadoras”, ou mesmo dos “Coronéis de Barranco”, como ficaram conhecidos os ricos proprietários dos seringais - aqueles que acendiam seus charutos com nota de 500 mil reis, alardeando sua riqueza. A patente de Coronel era obtida não das forças armadas e sim por apropriação, em função de suas fortunas ou, no dizer de uma outra corrente de estudiosos, por força da inexistência da Guarda Nacional. A patente era concedida pelo Governo Central, na Capital e daí expandindo-se para as outras regiões brasileiras. Alguns desses “nouveaux riches” ou “emergentes”, em linguagem atualizada, desprovidos de escolaridade e “verniz” social, são os responsáveis por muitas das “Salas de Banho” existentes em Manaus, em fins do século XIX e início do XX, que sucumbiram sob a força antropofágica do progresso, desenvolvimento e outros adjetivos mais, sem deixar qualquer tipo de registro escrito ou iconográfico, a não ser o da memória psíquica de baluartes de algumas das famílias antigas de Manaus. Esta a razão deste texto, despojado e desprovido de fontes bibliográficas ou documentais arquivísticas, cujo único objetivo é disponibilizar informações sobre exemplar único, atestatório do apogeu vivido por Manaus naquele que se arbitrou denominar “Período Áureo da Borracha”.

Uma “Sala de Banho” européia, sobrevivente da falta de memória que grassa no Amazonas, a “Sala de Banho” de uma das casas geminadas construída em 1908, na Rua Municipal (atual Avenida 7 de Setembro), pelos irmãos J. B. Levy, proprietários da Drogaria Universal. Uma das quais foi adquirida pelo Industrial Alfredo Alves Pereira de Castro - para presentear sua mulher, uma imigrante portuguesa - tendo ali promovido ampliações e reformas.

Homem viajado, com posses e bom gosto, decidiu dotar sua residência de uma “Sala de Banho” arrojada, no estilo europeu. Para tanto, ao projeto arquitetônico original, acrescentou-lhe mais 4 cômodos (copa-cozinha, pequeno sanitário com vaso de louça inglesa decorado, dispensa e banheiro), dedicando especial atenção àquele que atualmente é referido como “banheiro social”. De Carrara, na Itália, importou o mármore cinza e branco para compor o piso. De Paris, na França, trouxe azulejos de florões para recobrir as paredes.

Espaço físico pronto, restava agora equipá-lo. Mandou vir de Londres o lavatório, encimado por espelho de cristal “bisotê”, as banheiras de “semicupiu” e a de submersão, convencional. Estas três peças, dotadas de água quente e fria, e cifão de deságüe. O chuveiro, além deste, duchas circulares com torneiras, também de água fria e quente. Complementando o conjunto, o “bidê” e o vaso sanitário, cujo detalhe interessante é a caixa d'água com descarga de cifão. Além destas peças em louça, com a parte hidráulica em cobre niquelado, encontram-se distribuídas peças também metálicas, do mesmo material, denominadas de “étagère” (pequena prateleira para colocar sabonete, sais de banho e similares) e porta toalhas.

Ocupando mais de 10m<sup>2</sup> (6,45m de comprimento/2,70 m de largura e 3,05m de altura), esta “Sala de Banho” possui ainda 5 janelas em basculantes de madeira com 6 chapas de vidro com 1,9m comprimento/ 1,4m altura) e 2 “postigos” (pequenas aberturas retangulares) para iluminar e manter a ventilação do ambiente. A cobertura, em telhas de barro Lisboa (de Palença), já que as Marseille (Roux-Freres) vão apenas até a metade do corredor da casa (atualmente, após as telhas Marseille e metade das Lisboa do banheiro, encontram-se telhas de amianto). Abaixo do telhado, até meados da década de 1980 existia o forro de tábuas corridas, que, apodrecidas pelo tempo e sem manutenção, foram atacadas pelos cupins, obrigando a sua retirada, deixando expostas as vigas nuas onde o forro havia sido fixado.



Ainda em período recente, mesmo com a casa em franco processo de decadência, esta “Sala de Banho” era alvo de

visitas e de referência tanto para profissionais da engenharia e arquitetura, quanto para estudiosos ou simplesmente pessoas sensíveis, preocupadas com a perda sistemática de exemplares atestatórios de períodos da História do Amazonas.

Texto despojado, como dissemos, cujo o mérito reside em ter sido escrito com base no conhecimento registrado apenas na memória daqueles que por ali passaram, e viveram um fragmento de nossa história.

*Colaboradora: Carmélia Castro*  
*Foto: Hamilton Salgado*